



Sumário

- 1 – Introdução
- 2 – Metodologia e perfil da amostra
- 3 – Perfil profissional
- 4 – Dificuldades e desafios no ambiente de trabalho
- 5 – Perfil pessoal e familiar
- 6 – Conclusão

Realização da pesquisa: Ello Agronegócios

Coordenação e edição do conteúdo: Flávia Romanelli (Mtb 27.540)

e Henrique José Servolo Filho

Novembro de 2018

1 – Introdução

A mulher vem ganhando cada vez mais espaço no agronegócio brasileiro. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a participação feminina no mercado de trabalho do agronegócio cresceu consistentemente entre 2004 e 2015, passando de 24,11% para 27,97%.

Paralelamente, desde 2016, Piracicaba é conhecida como o Vale do Silício do agronegócio brasileiro – Agtech Valley (Vale do Piracicaba), concentrando mais de 50 agtechs, aceleradoras, hubs de inovação, incubadoras, empresas e importantes centros de ensino e pesquisa no setor. Nesse cenário, a mulher tem alcançado papel de destaque em todos os segmentos do agro – antes, dentro e depois da porteira, principalmente nos assuntos relacionados a novas tecnologias e agropecuária 4.0.

Para conhecer melhor essa mulher que está conectada ao agronegócio do presente e do futuro, foi elaborada esta pesquisa que levanta dados em todos os elos da cadeia e traz informações relevantes sobre o protagonismo feminino no Vale do Piracicaba.

2 – Metodologia e perfil da amostra

A amostra constituiu-se de 100 mulheres da cidade de Piracicaba (SP) que trabalham no agronegócio.

A pesquisa é quantitativa, valendo-se de amostragem probabilística estratificada por região, setor (agronegócio) e gênero. As entrevistas foram feitas por questionário online e abordaram os seguintes temas: idade, escolaridade, rendimento, segmento de atuação profissional, cargo, desafios e pretensões no ambiente de trabalho, áreas de interesse no agronegócio e tamanho da empresa/propriedade onde atuam. Além disso, foram elaboradas perguntas para fazer uma análise da vida pessoal e familiar das entrevistadas como estado civil, se têm filhos, com quem moram e atividades de lazer preferidas.

Após o processamento das informações, os dados quantitativos foram tabulados e a partir de então foi elaborada uma análise descritiva, que aborda variáveis psicográficas, geográficas e sociocomportamentais das mulheres entrevistadas.

O perfil da amostra sinaliza que a pesquisa é bastante representativa no universo das mulheres que trabalham no agro no Vale do Piracicaba.

Ficha técnica

Método da pesquisa: descritivo estatístico

Método de coleta de dados: pesquisa online (questionário estruturado)

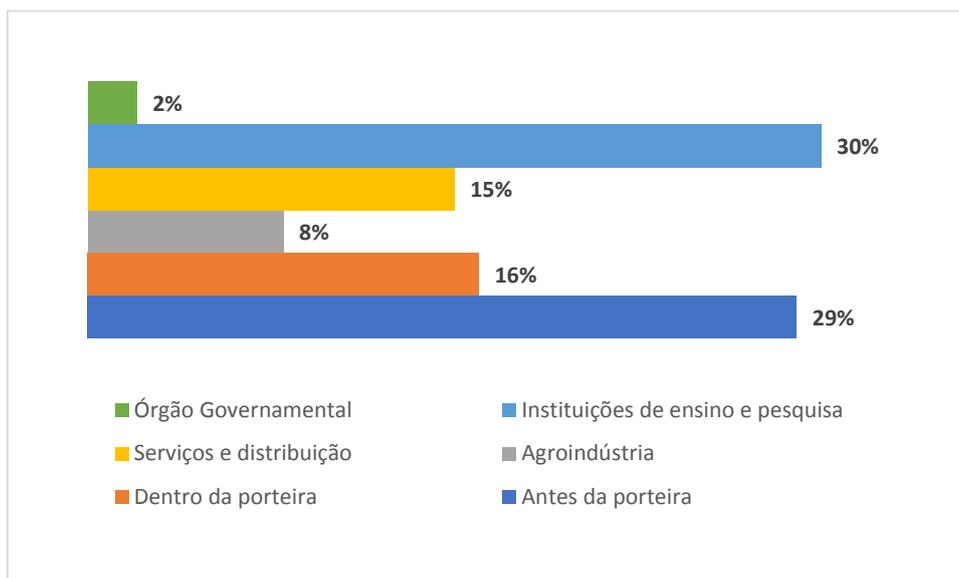
Universo: mulheres que atuam no agronegócio na região de Piracicaba

Amostra: 100 mulheres

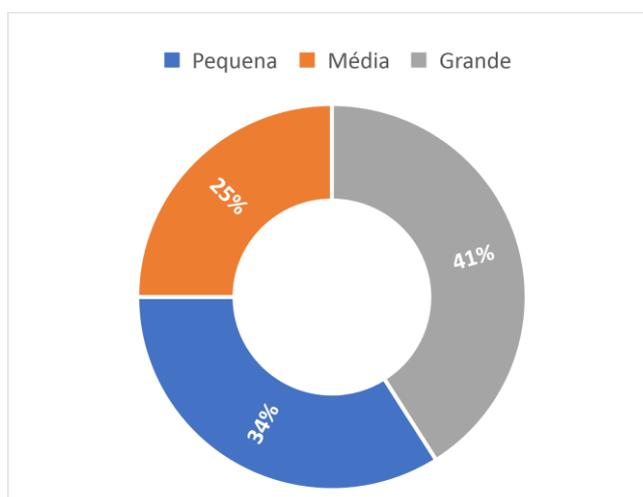
Período: 03/10 a 02/11/2018

3 – Perfil profissional

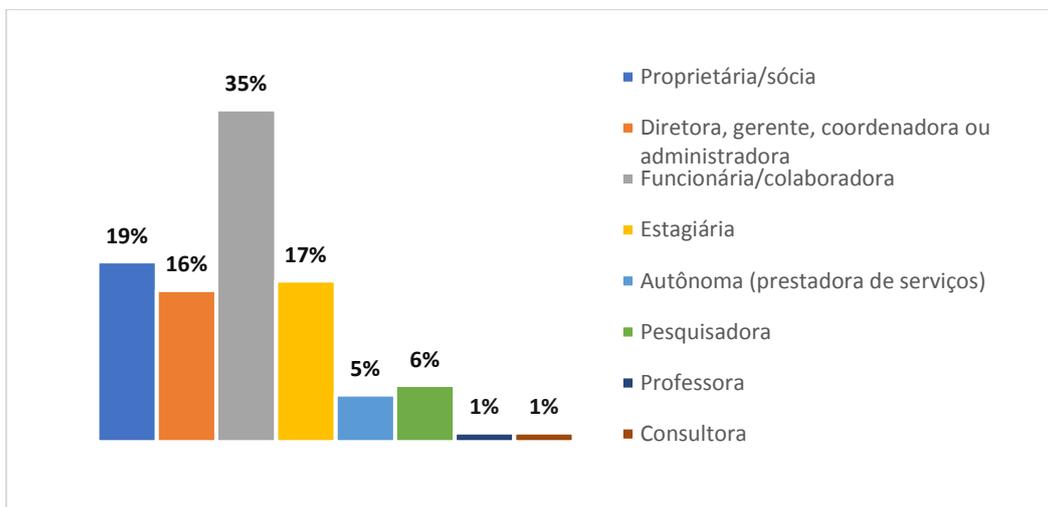
As mulheres que trabalham no agronegócio na região de Piracicaba atuam predominantemente depois da porteira, sendo que 30% estão em instituições de ensino e pesquisa, 15% sem serviços e distribuição, 8% na agroindústria e 2% em órgãos governamentais. Na cidade, está a mais importante faculdade de ciências agrárias da América Latina, a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Esalq/USP e centros de pesquisa como o Cena (Centro de Energia Nuclear da Agricultura) e o CTC (Centro de Tecnologia Canaveira), o que pode justificar essa predominância. Por outro lado, há também um bom número atuando antes da porteira (29%) em empresas de insumos e cooperativas, por exemplo, e somente 16% trabalham nas propriedades rurais.



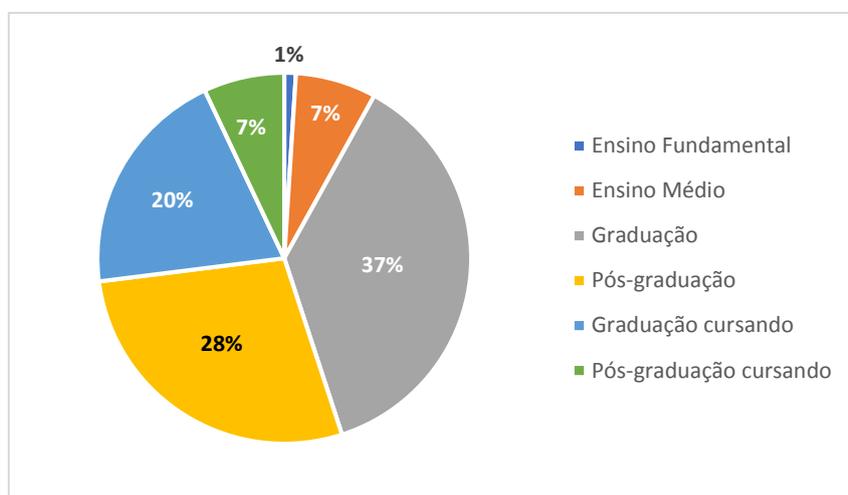
As grandes empresas ou propriedades (mais de 100 funcionários/mais de 15 hectares) concentram 41% das trabalhadoras, enquanto as pequenas/propriedades (até 20 funcionários ou 4 hectares) contam com 34% e as médias (até 100 funcionários/4 a 15 hectares) ficam com 25%.



Boa parte dessas mulheres (35%) é funcionária/colaboradora e 19% são proprietárias/sócias das empresas ou fazendas. Na sequência vêm as estagiárias, com 17% do total, mulheres em cargos de gestão (16%), pesquisadoras, com 6%, profissionais autônomas/prestadoras de serviço (5%) e consultoras e professoras, com 1% cada.



A formação acadêmica é um diferencial importante entre as mulheres pesquisadas, sendo que 37% têm graduação completa, 28% têm pós-graduação, 20% estão cursando a graduação, 7% cursam pós-graduação, 7% completaram o ensino médio e somente 1%, o fundamental.

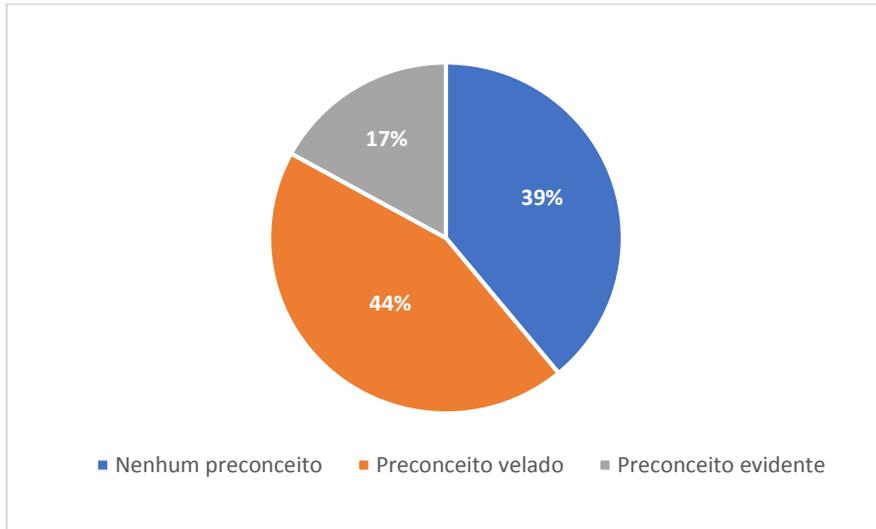


Das 100 mulheres ouvidas, 35% ganham até R\$ 2.000,00, 32% recebem entre R\$ 2.000,00 e R\$ 5.000,00 mensais, 19% têm rendimento entre R\$ 5.000,00 e R\$ 8.000,00, 6% ganham de R\$ 8.000,00 a R\$ 12.000,00, 4% recebem de R\$ 12.000,00 a R\$ 15.000,00 e 4%, acima de R\$ 15.000,00

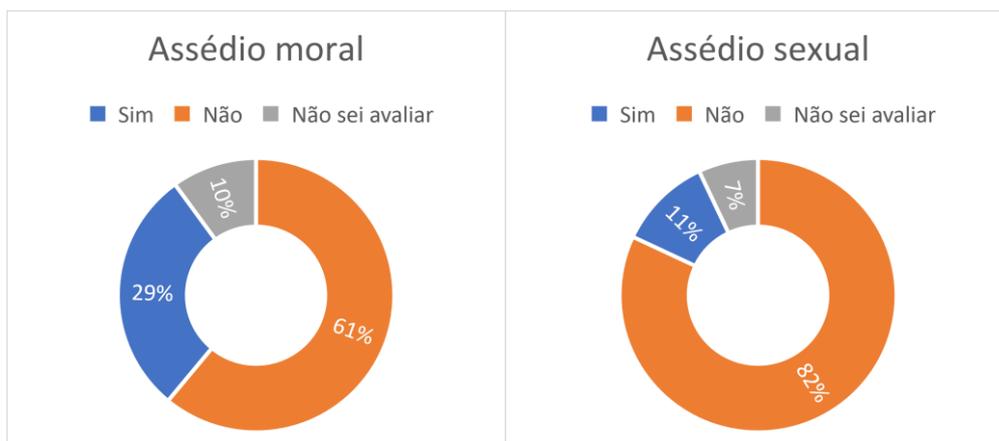
4 – Dificuldades e desafios no ambiente de trabalho

O preconceito de gênero ainda é grande nos ambientes profissionais, sendo que as mulheres ganham menos que os homens nas mesmas funções e têm mais dificuldades em serem promovidas ou ocuparem cargos de gestão. O agronegócio é um setor predominantemente masculino, onde os desafios das mulheres muitas vezes são potencializados.

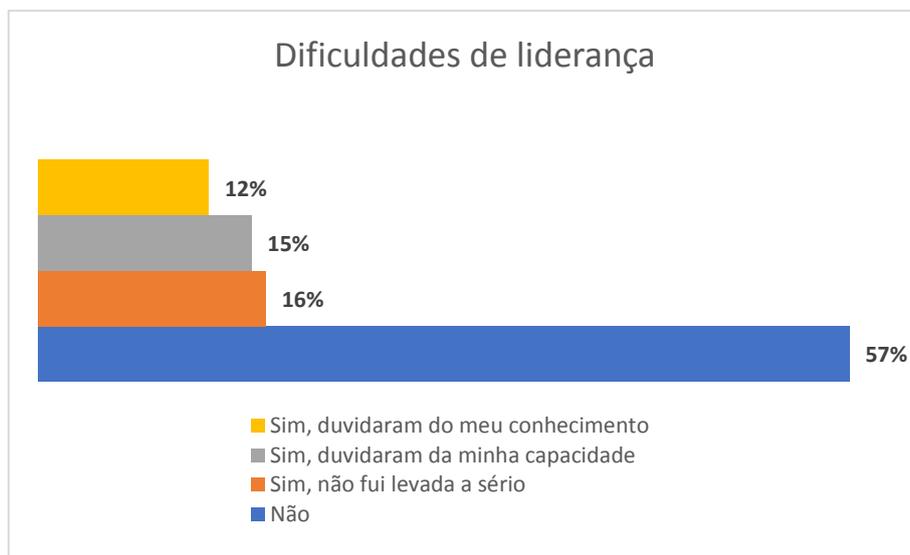
Os dados da pesquisa ilustram esse cenário, uma vez que 44% das entrevistadas disseram que já sofreram preconceito velado por serem mulheres e 17% alegaram terem sido vítimas de preconceito evidente.



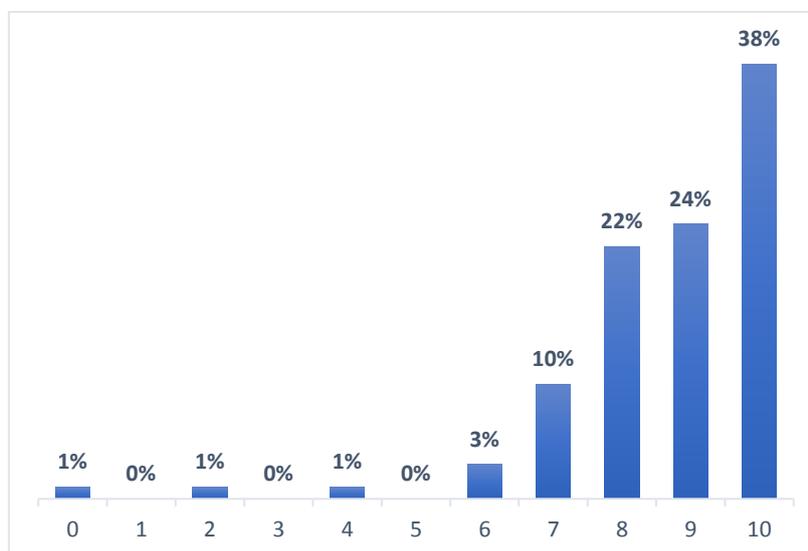
Entre as entrevistadas, 29% afirmaram ter sofrido assédio moral no ambiente de trabalho e 11% passaram por assédio sexual.



Por outro lado, 57% evidenciam não ter problemas para liderar colegas/funcionários, o que indica uma melhora na cultura organizacional das empresas/propriedades rurais. Esse avanço também fica evidente nas notas dadas ao ambiente de trabalho: 20% avaliaram com nota 10; 24% com nota 9; 26% com nota 8; 6% deram nota 6; 4% nota 5; 3% nota 4; 1% nota 3 e somente 1% com nota 2 (a menor atribuída).



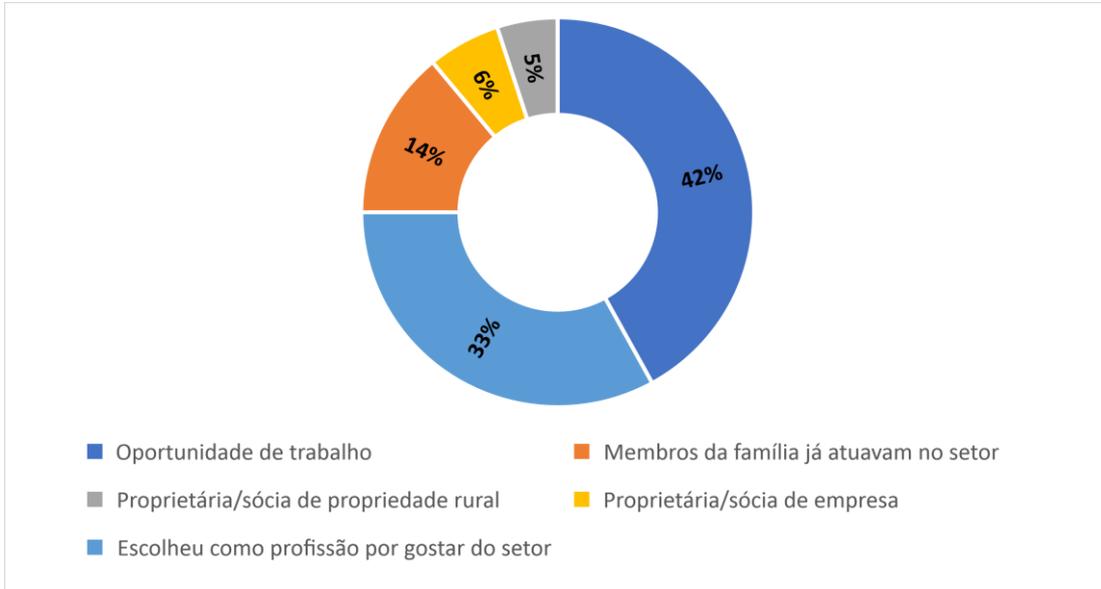
Em uma escala de 0 a 10, 38% das mulheres se sentem muito bem preparadas para o seu trabalho, enquanto apenas 1% se diz totalmente despreparada.



Entre os maiores desafios profissionais estão ser reconhecida profissionalmente (45%), investir na carreira (42%), fazer bons contatos (38%) e conciliar carreira com vida profissional, com 37%.*

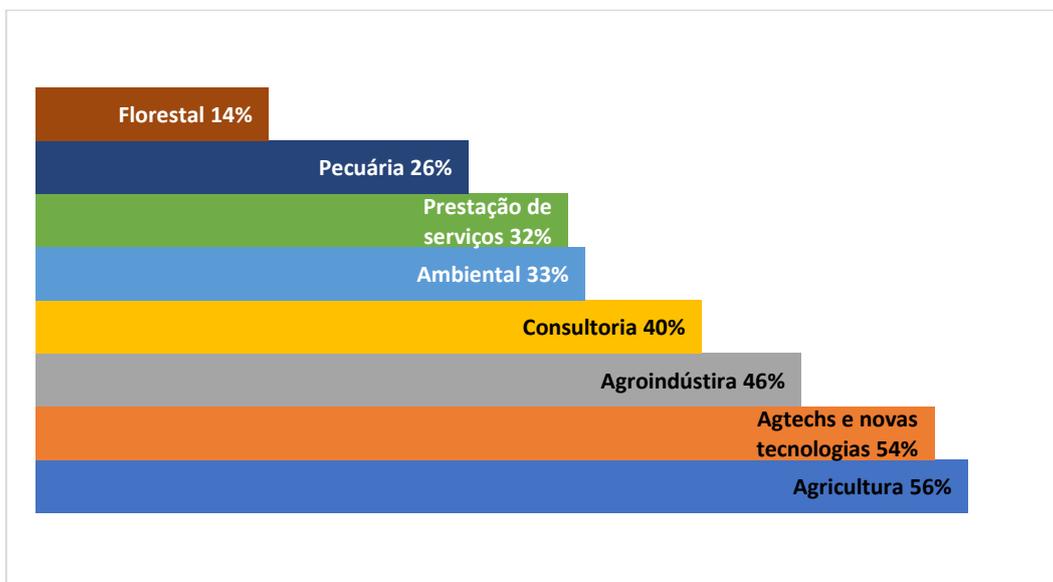
* As entrevistadas puderam indicar mais de uma alternativa nestas questões.

Nos últimos anos, o agronegócio têm sido um setor de destaque para quem busca emprego. Isso porque 42% das entrevistadas atuam no agro pois tiveram oportunidade de trabalho, 33% escolheram por gostar do setor, 14% já tinham familiares atuando no agronegócio, 6% são sócias/proPRIETÁRIAS de empresas e 5% sócias/proPRIETÁRIAS de propriedades rurais.



Quando questionadas sobre os planos para os próximos 5 anos, as ambições relacionadas ao trabalho prevalecem, sendo que 81% pretendem ter ascensão na carreira, 50% empreender e 44% estudar, enquanto somente 13% planejam se casar e 12%, ter filhos. *

Entre os assuntos de mais interesse estão em primeiro a agricultura (56%), seguida de agtechs e novas tecnologias (54%) e de agroindústria (46%). O tema menos indicado foi o florestal, com 14% de interesse. *

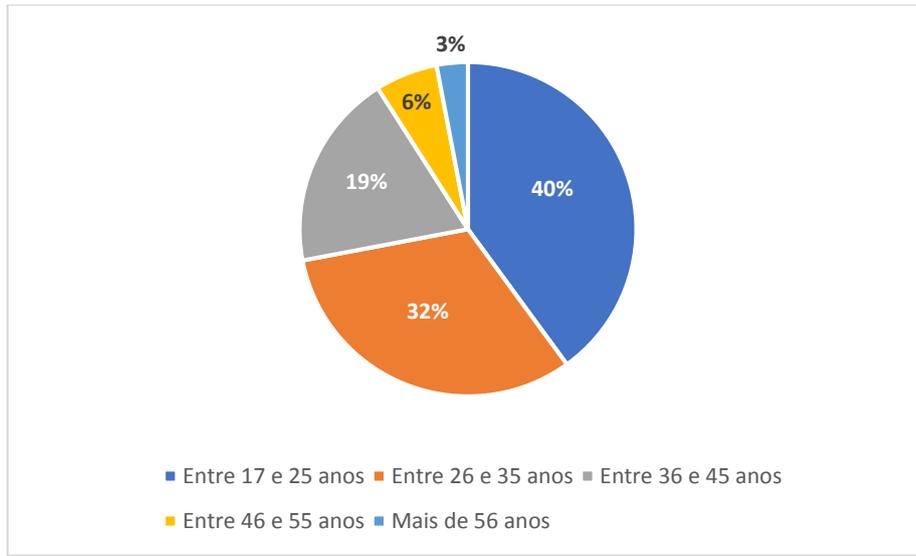


* As entrevistadas puderam indicar mais de uma alternativa nestas questões.

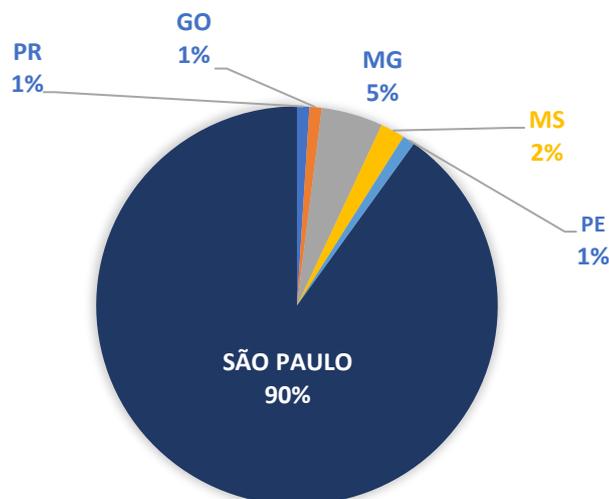
5 – Perfil pessoal e familiar

Além de conhecer o perfil e anseios profissionais, traçamos também um panorama da vida pessoal e familiar para melhor visualizar a mulher que atua no Vale do Piracicaba.

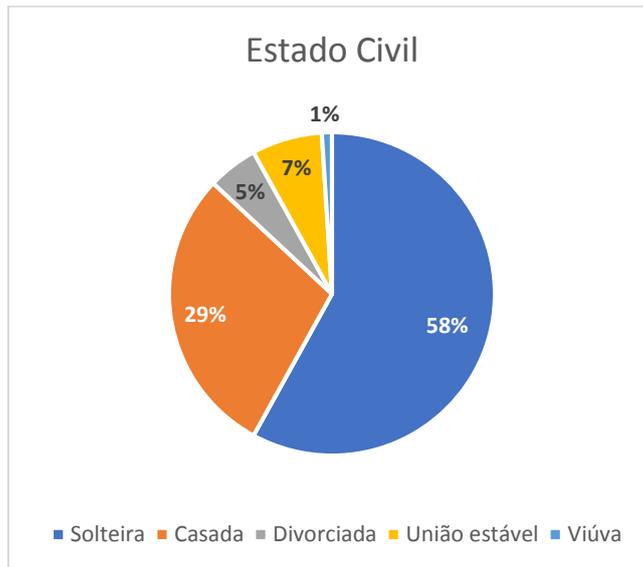
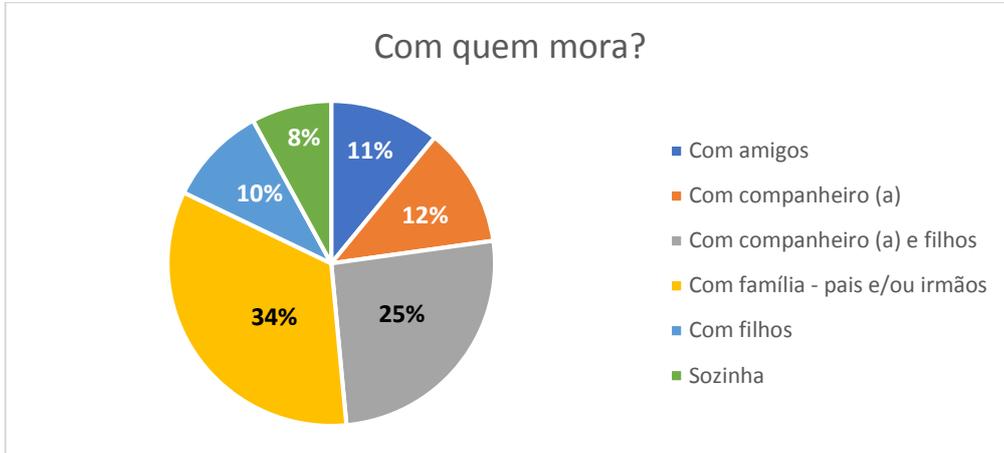
As entrevistadas são predominantemente jovens, 40% têm entre 17 e 25 anos, 33% estão com idade entre 26 e 35 anos e somente 3% têm mais de 56 anos, o que evidencia que o trabalho feminino no agro vem sendo uma realidade mais latente nos últimos anos.



Entre as mulheres que escolheram Piracicaba para trabalhar, a maioria (95%) é do Sudeste do Brasil, apesar de haver representantes de quase todas as regiões, exceto da Norte. Dessas, 90% são originárias do Estado de São Paulo e 46% nasceram em Piracicaba, o que demonstra que a cidade proporciona oportunidades de emprego no setor.



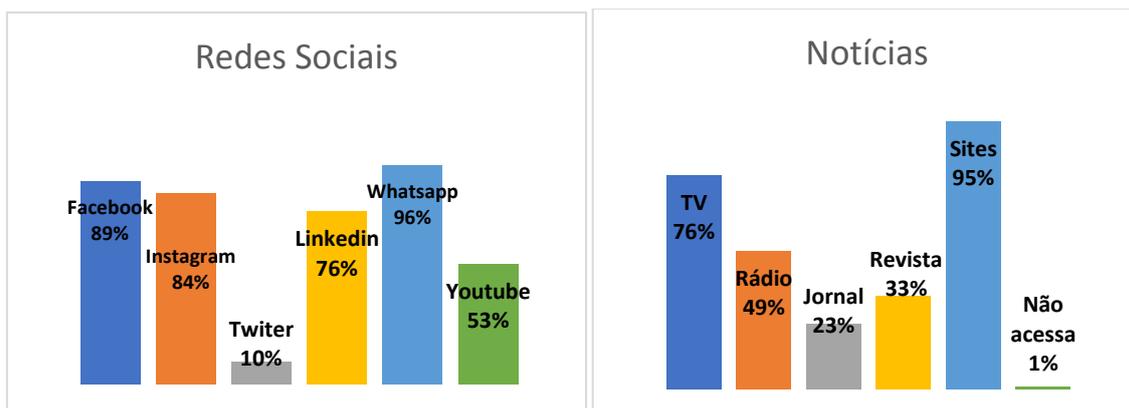
Com um perfil tão jovem e com bastante dedicação à formação acadêmica, é fato que a maioria é solteira (58%) e sem filhos (63%). Entre as que são mães, 27% têm filhos menores de 18 anos. Das entrevistadas, 34% moram com a família (pais/irmãos) e 25% vivem com companheiro(a) e filhos.



Alguns hábitos de consumo e atividades de lazer também foram questionados para vislumbrarmos a pluralidade de interesses dessas mulheres.

Todas utilizam as redes sociais no trabalho e na vida pessoal, sendo que a mais acessada é o Whatsapp, com 96%, seguido do Facebook, com 89%, e do Instagram (84%). O Twitter é o menos usado, com 10%. *

Entre o acesso a veículos de comunicação para acompanhar notícias, 95% utilizam sites; 76% veem na TV, 49% ouvem no rádio e somente 1% não acessa. *



As atividades de lazer preferidas são sair para comer e beber com amigos/familiares, com 94%, seguida de viagens (80%), leitura (50%), cinema (48%), exposições/museus (35%), apresentações musicais (32%) e baladas (20%). *

* As entrevistadas puderam indicar mais de uma alternativa nestas questões.

6 – Conclusão

A mulher que trabalha no Vale do Piracicaba tem características inerentes de sua localização geográfica e vocação do ecossistema onde está inserida, que é voltado para a inovação e tecnologia na agropecuária.

São jovens, com boa formação acadêmica e que trabalham como colaboradoras em instituições de ensino e pesquisa, empresas de insumos e cooperativas. Apesar de serem capacitadas e se sentirem preparadas para as suas funções, têm rendimento e ocupações medianas dentro das organizações onde trabalham, o que evidencia o principal desafio elencado por elas, o de ter reconhecimento profissional.

A mão-de-obra feminina ainda enfrenta barreiras na ascensão profissional, na promoção a cargos de gestão e a para ter salários compatíveis com os de homens na mesma função, o que não se mostra diferente no Vale do Piracicaba. Apesar das agtechs serem ambientes onde impera a modernidade, a maioria tem poucas mulheres em seus quadros profissionais e acaba perpetuando essa realidade do agro como um todo.

Além disso, fica evidente que a maioria delas já sofreu preconceito no ambiente de trabalho por ser mulher e muitas passaram por assédio moral e até mesmo sexual quando desempenhavam suas funções.

Apesar das dificuldades, o protagonismo feminino no agronegócio é cada vez mais evidente, assim como no Vale do Piracicaba e nos ambientes de inovação voltados para a agropecuária 4.0, e a tendência é que se destaque cada vez mais.